

Isto não é uma ilha, isto é um Bairro: representações audiovisuais da comunidade do Bairro Herculano

That's not an island, that's a neighborhood": audiovisual representations of the Herculano Neighborhood community

Inês Santos Moura¹ | Vania Baldi²

Resumo

O artigo versa sobre uma pesquisa de doutoramento cujo propósito foi refletir sobre metodologias audiovisuais participativas, enquanto estratégias de pesquisa e análise do espaço social de residência do Bairro Herculano, localizado na cidade do Porto (Portugal), e as formas de participação e emancipação que estas podem desencadear. O objetivo foi também criar uma narrativa Web documental sobre e com a comunidade, as suas memórias, o seu presente e um futuro possível desse lugar.

Palavras-chave: Participação. Bairro Herculano. Foto elicitação. Vídeo participativo.

Abstract

The article portrays a doctoral research that intended to reflect on participatory audiovisual methodologies, as strategies to for research and analyse analysis of the social context of residence of the Herculano Neighbourhood, located in the city center of Porto (Portugal), and the modes of participation and empowerment that these methodologies can initiate. Also, with the aim of creating a web documentary narrative with and concerning regarding this community, their memories, its present and a possible future of this place.

Keywords: Participation. Herculano Neighbourhood. Photo-elicitation. Participatory video.

Introdução

Desde o seu aparecimento, a fotografia conquistou um espaço importante na vida privada e coletiva das pessoas, com os registos de imagens da vida quotidiana, assim como através da sua presença nos vários meios de comunicação e informação da sociedade.

1. Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro e Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: inessantasmoura@gmail.com

2. Professora Doutora da Universidade de Aveiro, Aveiro, PT

Desta forma, podemos afirmar que a fotografia é também um importante documento visual relativo à vida em sociedade (WELLER; BASSALO, 2011). Esta “é um recorte de tempo e espaço, é um registro marcado e situado, e no mundo cada vez mais marcado pela virtualidade e transitoriedade, pelo efêmero, fluido, líquido ou liquefeito, como apontado por Baumam” (WELLER; BASSALO, 2011, p. 298).

Através da fotografia é possível recompor o passado, o que permite a diferentes grupos sociais a reconstrução da sua identidade (FELIZARDO; SAMAIN, 2007). A fotografia é também memória, individual e coletiva. Exemplo disso são os álbuns fotográficos de família que aglomeram múltiplas hipóteses de leitura e apresentam conteúdos narrativos abundantes (RENDEIRO, 2010). As fotografias, quando observadas e analisadas, podem evocar memórias, emoções e modos de ver e sentir o mundo (WELLER; BASSALO, 2011), mesmo que as situações e as realidades presentes nessas fotografias não sejam relativas a quem as observa (FELIZARDO; SAMAIN, 2007). Por isto, a imagem é igualmente considerada uma forma de comunicação universal que contém um número infinito de detalhes (LAJOUX, 1995). É também vista como “uma estrutura espaço-temporal e um grupo de símbolos, que, em seu conjunto, despertam no leitor diversos níveis de atenção” (ARAÚJO; MAHFOUD, 2002, p. 72). Esta permite a possibilidade de pesquisa sobre determinadas mudanças que possam ter ocorrido numa determinada realidade, num período curto ou longo. O processo de visualizar uma imagem é instantâneo, permite realizar comparações entre várias fotografias e nessa confrontação é possível analisar as suas diferenças, compreender as suas modificações e os seus pormenores (LAJOUX, 1995). A leitura e análise de uma imagem também dependem de referentes para auxiliar a compreensão e a descodificação do seu conteúdo (SOUSA; FERNANDES, 2016).

Deste modo, a fotografia é percebida como uma forma de documentar a realidade (POSSAMAI, 2007), no entanto, a sua representação do real poderá não ser crível ou totalmente fiável. Tendo em conta que, esta pode captar e selecionar apenas determinadas partes de um contexto, visando provocar ilusão e criar manipulação relativa à realidade captada (FELIZARDO; SAMAIN, 2007). Inclusivamente, a subjetividade está presente na fotografia e nos seus vários processos de produção visual. Tal como explica Soilo (2012), a produção e a interpretação de uma imagem está relacionada com a cultura de quem a cria e de quem a examina. Sendo assim, a imagem compõe e produz uma realidade social estabelecendo uma relação de mediação com quem a concebe e com o seu destinatário (WELLER; BASSALO, 2011).

A utilização de vídeos e fotografias são recursos e métodos para compreender o contexto social, uma forma de capturar as vozes e as imagens dos próprios investigados (HUNG LI et al., 2019). Os materiais audiovisuais integram múltiplos significados, pelos vários contextos e experiências de quem os interpreta e dos membros das suas audiências,

e tem a capacidade de comunicar múltiplas narrativas (BANKS, 2001). A possibilidade de desenvolver uma conversa com base numa fotografia ou outro objeto audiovisual poderá despoletar múltiplas reações que poderão conduzir até várias categorias de informação, sentimentos e pensamentos (WEBER, 2008). Weber (2008) refere também que existem vários motivos para que a imagem esteja presente nas pesquisas académicas. As imagens podem ser utilizadas para capturar aquilo que, por vezes, é difícil explicar por palavras, orientando-nos para que prestemos atenção a determinadas situações e detalhes, fazendo com que consideremos novas formas de ver e realizar (WEBER, 2008). As imagens têm uma maior capacidade de influenciar os modos de pensar e agir da sociedade e podem ser utilizadas para comunicarem de um modo holístico, incorporando múltiplas camadas e evocando também histórias e questões. São também um modo de melhorarmos a nossa empatia, colocando-nos no ponto de vista do outro num determinado momento (WEBER, 2008).

A imagem contém informações sobre a realidade que nos rodeia, por isso destaca-se-lhe também uma “função epistémica” (RIBEIRO, 2004), que foi importante explorar com o grupo participante deste estudo. O grupo é constituído por dezanove moradoras e um morador e a sua generalidade reside no Bairro há cerca de cinquenta anos.

Nesta pesquisa de doutoramento foi adotada uma metodologia de investigação que permitiu a utilização de várias metodologias audiovisuais participativas, considerando que a “produção e a publicação de imagens e de texto constituem-se, então, como uma plataforma privilegiada para analisar espaços sociais heterogêneos, onde a interpretação das práticas sociais, ambientais e econômicas é resultado da interação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa.” (VAILATI; GODIO, 2016, p. 16). Além disso, a criação de um objeto audiovisual resulta da interação ou mediação entre as pessoas e a tecnologia, o que produz efeitos no mundo (VAILATI, 2016).

A ilha é uma forma de habitação que começou a ser construída a meio do século XIX na cidade do Porto (Portugal), com a finalidade de alojar a classe operária da altura. No centro da cidade, na zona histórica, não existiam habitações suficientes para hospedar estas pessoas (MATOS; RODRIGUES, 2009). Entre 1878 e 1890 foram edificadas 5100 ilhas (PINTO, 2007). Nesse período, foi urgente a construção de mais habitações para albergar a população que migrou impulsionada pela crise na agricultura e pela procura de melhores condições de vida, do interior Norte de Portugal e dos concelhos vizinhos do Porto (PINTO, 2007, 2015). Por norma, as casas das ilhas eram organizadas num pequeno terreno ou quintal das habitações burguesas de classe média, construídas lado a lado, constituídas por um piso com cerca de 16m² e com casas de banho partilhadas no exterior das habitações (PINTO, 2007). O objetivo da construção desta forma de residência visava rentabilizar ao máximo o espaço disponível, para assim obter a maior margem de lucro

possível (TEIXEIRA, 2018). Habitualmente, os impulsionadores das ilhas eram comerciantes ou artesãos da classe média e com o decorrer do tempo outros promotores surgiram, como “os ricos comerciantes e os emigrantes retornados do Brasil, ou até mesmo os próprios proprietários directos do solo, o que levou à construção de ilhas muito maiores.” (MATOS; RODRIGUES, 2009, p. 38).

Figura 1 – As casas de banho partilhadas da Rua 1 do Bairro Herculano. Março de 2019.



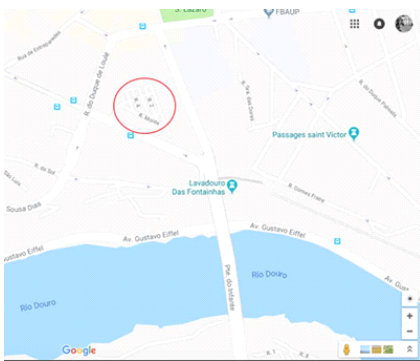
Fonte: arquivo do projeto de investigação.

As ilhas geravam doenças graves e outros problemas relacionados com o bem-estar, “[...] doenças do foro respiratório, epidemias, focos infecciosos como a tuberculose, o tifo, as gripes, constipações e o reumatismo.” (PINTO, 2015, p. 12). Posteriormente, estas foram consideradas “como focos insalubres que era necessário destruir o que, só acontecerá, em parte, já em pleno século XX, na sequência de várias intervenções [...]” (MATOS; RODRIGUES, 2009, p. 34).

A ilha Bairro Herculano é uma das ilhas mais antigas da cidade, localizada na freguesia da Sé na zona oriental do Porto. A sua edificação terminou em 1886, com um conjunto de 129 casas construídas e ordenadas numa estrutura de seis arruamentos. Tendo em conta a realidade habitacional das ilhas daquele período, o Bairro Herculano foi

Este foi planeado para proporcionar mais e melhores condições de habitabilidade à classe operária (TEIXEIRA, 2018). Algumas das casas do Bairro tinham dois pisos, foram construídos tanques para os habitantes lavarem a roupa, uma mercearia, uma capela e até uma estrutura de abastecimento de água dedicada apenas para o uso dos seus residentes (TEIXEIRA, 2018). Portanto, pelas condições que este espaço habitacional oferecia, morar no Bairro Herculano representava um descrédito menor do que viver noutras ilhas da cidade do Porto (TEIXEIRA, 2018). No entanto, como o valor das rendas era considerado elevado para a classe trabalhadora da época, que não tinha rendimentos suficientes para usufruir destas casas, entre outros fatores, isso levou à falência dos promotores do Bairro Herculano. O Bairro só foi habitado mais tarde pela classe média baixa (TEIXEIRA, 2018).

Figura 2 - Localização do Bairro Herculano



Fonte: Google Maps

Um dos objetivos desta investigação de doutoramento foi criar contextos que proporcionassem visibilidade aos habitantes do Bairro Herculano, colocando-os na posição de “atores” protagonistas da representação e coconstrução da sua realidade. Portanto, este foi um processo de investigação que apontou na colaboração entre a investigadora e o grupo de pessoas moradoras, para que assim se pudessem criar múltiplos “olhares” acerca do contexto social, tendo em conta também a participação deste, no processo criativo, de partilha e geração de conhecimento e construção de narrativas multimédia.

Os primeiros contactos exploratórios foram iniciados com a finalidade de realizar um trabalho de escuta com as pessoas habitantes do Bairro. Esta escuta foi concretizada através de conversas e entrevistas exploratórias, para assim identificar quais os assuntos que seriam mais relevantes a serem retratados e analisados no presente estudo, que se relacionavam com a vida no Bairro Herculano. Nestes primeiros

encontros uma das moradoras da 1.^a rua comentou: “Isto não é uma ilha, isto é um Bairro” (registo de abril de 2018). Quando questionada sobre qual era para si a diferença entre uma ilha e um Bairro, esta respondeu: “Isto é um Bairro antigo da cidade, com história e estas casas são melhores que as casas das ilhas” (registo de abril de 2018). Esta afirmação é uma importante reflexão que revela a perspetiva desta residente sobre a sua comunidade diante da cidade ou outros contextos de habitação semelhantes. No desenrolar do trabalho de investigação, outras conversas e entrevistas foram realizadas com as pessoas residentes desta comunidade e estas afirmavam que o Bairro Herculano não é uma ilha. Esta consideração aproxima-se do estudo de Teixeira (2018), que evidencia que o Bairro Herculano foi construído para fornecer melhores condições de habitação aos seus moradores e que existia um desmerecimento menor viver no Bairro Herculano do que em outras ilhas da cidade.

Ainda que o Bairro Herculano esteja localizado no centro histórico da cidade do Porto, uma das moradoras da 4.^a rua expõe que “[...] muita gente desconhece que existe um Bairro aqui dentro. Entre a rua Alexandre Herculano e a rua das Fontainhas, [...] pouca gente, a não ser os historiadores é que sabem disto” (Lurdes Farinha, registo áudio de novembro 2018).

Uma das moradoras da 2.^a rua comenta também que “o bairro em si é sossegado, é um bairro que a bem-dizer só moram [...] mais pessoas idosas” e que “[...] na altura do verão vimos cá para fora, vê-se muita gente cá fora. Apesar que agora não se vê tanto como era antes, pelo que dizem [...]” (Susana Santos, registo áudio de outubro 2018). E afirmam gostar de viver no Bairro, uma das moradoras da 5.^a rua expõe que “gosto deste convívio, das pessoas, gosto de tudo. Acho que somos uma família. E sempre nos entre ajudamos uns aos outros [...]” (Ofélia Nogueira, registo áudio de outubro 2018).

Figura 3 – Rua central do Bairro. Ano: 1982



Fonte: Do arquivo familiar de Cristina Vidrago.

Atualmente, na cidade do Porto existem cerca de 957 ilhas onde habitam mais de 10 mil pessoas, segundo um estudo promovido pela Domus Social - Câmara Municipal do Porto em 2015. A grande generalidade dos habitantes das ilhas vive em condições precárias, muitas vezes sem acesso ao saneamento básico.

Figura 4 – A rua central do Bairro Herculano. Junho de 2019.



Fonte: arquivo do projeto de investigação.

As metodologias audiovisuais como forma de compreender realidades sociais, de participação e emancipação de uma comunidade

Até ao momento, existe uma literatura científica aprofundada sobre as vantagens da utilização de metodologias e recursos audiovisuais na pesquisa académica e científica. No que concerne à utilização de fotografias como forma de olhar o passado (MARTIN; MARTIN, 2004) e ao arquivo fotográfico pessoal como modo de refletir sobre uma realidade social, coletiva e comum (HARRISON, 2004). No caso da investigação científica, com recurso à utilização ou produção fotográfica, é também uma forma de aumentar e explanar a visão existente sobre a realidade de um estudo e é também um modo de construir diferentes perspetivas do mundo em diálogo com os atores sociais na construção destas representações visuais (SOILO, 2012).

Tendo conhecimento dessas possibilidades, foi importante nesta investigação refletir também sobre como a participação e a emancipação estão inerentes nestas metodologias audiovisuais e também como podem ser fomentadas através destas. Um dos objetivos desta investigação de doutoramento foi compreender como os recursos multi-

3. Mais informações sobre o estudo ver Vázquez e Conceição (2015).

média poderiam ajudar e/ou despertar a participação numa comunidade urbana invisibilizada, como é o caso do Bairro Herculano. Com isto, foi importante conhecer as realidades sociais do Bairro para identificar e planejar qual a melhor metodologia de investigação a adotar face ao encontrado no terreno de trabalho. Nos primeiros contatos exploratórios, com algumas das pessoas habitantes da comunidade do Herculano, foi expresso o seu interesse em comunicarem sobre a história do seu Bairro e sobre os vários aspectos que afetam positivamente e/ou negativamente a sua vivência na comunidade. Nesse sentido, foi planeada a utilização de metodologias de pesquisa audiovisual participativas, a foto elicitação e o vídeo participativo, tendo como base uma metodologia de desenvolvimento. A metodologia de desenvolvimento assenta em dados sistematicamente derivados da prática de investigação para assim criar mais camadas de conhecimento. (RICHEY; KLEIN, 2005).

Fotografia Falada: a prática da foto-elicitação

A foto-elicitação pode ser definida como uma metodologia que as pessoas investigadoras utilizam para obter informações dos participantes da pesquisa, através da utilização de fotografias no processo de entrevista (KAPUR, 2019; SHAW, 2013). O uso de fotografias possibilita um encorajamento à conversa entre o entrevistado/a e o/a entrevistador/a, com o objetivo de procurar respostas, interpretações, memórias e sentimentos sobre um determinado assunto e situação (MEO; DABENIGNO, 2011). Assim, constituindo-se um processo alternativo aos métodos tradicionais de escrita e verbais utilizados pelos investigadores (SHAW, 2013). É uma forma de promover o diálogo e de conhecer outras dimensões do estudo que podem não estar identificadas e consideradas pelo/a investigador/a (KAPUR, 2019). No processo de foto-elicitação, as fotografias selecionadas podem ser produzidas pelos próprios participantes ou serem utilizadas, por exemplo, imagens de arquivo (KAPUR, 2019). No caso do estudo desenvolvido com o grupo de habitantes do Bairro Herculano, as foto-entrevistas foram realizadas com base em fotografias do seu arquivo fotográfico particular. Nesse sentido, foram realizadas seis foto-elicitações e o conteúdo destas conversas tem sido analisado, também, com vista à criação de uma memória coletiva sobre a comunidade do Herculano.

A foto elicitação despoletou seis conversas com base em fotografias que foram cedidas por um grupo de moradoras. Foi solicitado que pesquisassem nos seus arquivos pessoais registos de momentos captados no contexto do Bairro Herculano. As fotografias cedidas foram digitalizadas e podem ser visualizadas no Website do projeto (<http://bairroherculano.com>), com o consentimento informado das pessoas participantes. Concluído o processo de digitalização fotográfica, com cada proprietária das fotografias, foram realizadas conversas, reflexões e análises sobre o conteúdo visual

de cada imagem. Esta metodologia permitiu que fossem realizadas algumas reflexões sobre as transformações materiais e sociais que têm ocorrido no Bairro. Foi um modo de evocar as memórias contidas nessas fotografias, de encontrar histórias sobre a comunidade e de refletir sobre as atuais realidades sociais. No total, foram cedidas mais de cem fotografias.

Uma das fotografias que originou a foto-entrevista é do ano de 1998/99, altura em que a habitante Paty Ribeiro realizava uma formação na área de cabeleireiro. Segundo esta, neste período a *entreaajuda* na comunidade do Bairro era mais forte do que em 2020.

Eu escolhi esta foto, porque acho que esta foto simboliza o que é o Bairrismo. A entreaajuda que havia entre nós moradores daqui. Esta foto foi mais ou menos 98/99. Eu estou aqui a arranjar o cabelo à Zirinha na rua e era isto que havia entre nós, a entreaajuda. Eu comecei o curso de cabeleireira com 15 anos e além da minha mãe e da minha irmã, como é óbvio, era a família da Paula, entre outras, eram as minhas “cobaias”. Que ajudavam [...] quando eu estava na fase de cortar cabelos, elas não se importavam nada que [...] ficasse mal ou bem, elas alinhavam. Vinha as madeixas e eu queria ganhar experiência a fazer madeixas, fazia madeixas nelas. Acho que isso é um bocadinho a parte boa do Bairrismo que hoje em dia não há. (Paty Ribeiro entrevista realizada a 4 de março 2020).

Figura 5 – Paty Ribeiro no Bairro Herculano.
[Ano: 1998/99 (data aproximada) e sem identificação de autoria]



Fonte: Do arquivo particular de Paty Ribeiro.

As foto-entrevistas revelaram alguns assuntos como o sentimento de insegurança que existe no Bairro: “É por pessoas andarem aí a roubar. Eu aqui há tempos estendi duas passadeiras novas e levaram-me as passadeiras, de dia [...]. Hoje em dia não é como antigamente, temos que ter muito, muito cuidado”. (Olga Silva, foto-entrevista realizada em novembro de 2018). Outro tema tratado nas foto-entrevistas foi a atual presença de turistas no Bairro, que é persistente devido à oferta de casas que foram reabilitadas e disponibilizadas para o negócio do Alojamento Local (AL). A presença dos turistas no Bairro tem sido notada como algo positivo pela comunidade:

Acho muito bom. [...] Eu gosto. [...] São pessoas muito simpáticas que vêm para aqui. Claro que não são pessoas para estarem muito tempo, algumas estão até 8 e 15 dias [...], mas mais do que isso não. Mas eu acho muito bem. [...] Foi uma lufada de ar fresco que veio dar aqui, porque, entretanto, como disse os velhotes foram falecendo, vieram para aqui pessoas novas [...]. Veio para aqui muita droga. Mas isso também me parece que acabou. [...] Isso já terminou, essas pessoas já foram embora. (Adelaide Oliveira, foto-entrevista realizada em maio de 2019).

Figura 6 – Foto-entrevista com Olga Silva no Bairro Herculano. Novembro de 2018.



Fonte: do arquivo do projeto de investigação.

Vídeo Participativo: realidades passadas, presentes e futuras do Bairro Herculano

Os fundamentos do vídeo participativo surgiram como uma metodologia de trabalho colaborativo no decorrer do projeto “Fogo Island Communication Experiment”⁴, entre 1967 e 1968. O projeto foi desenvolvido no âmbito do programa experimental sobre documentário ético da “National Film Board of Canada (NFBC)”, tendo como figuras principais o acadêmico Don Snowden e o cineasta Colin Low (CORNEIL, 2012). Colin Low pretendia retratar, de modo audiovisual, uma comunidade onde as pessoas e os problemas desta fossem captados em profundidade e posteriormente exibidos publicamente para promoverem uma discussão e reflexão em torno destes (CORNEIL, 2012). O vídeo participativo é uma metodologia que visa incentivar a apropriação dos recursos audiovisuais e o envolvimento técnico e estético por parte dos participantes em todas as fases do processo de criação e produção de uma narrativa audiovisual.

No caso do presente projeto de investigação, o vídeo participativo foi planejado com o objetivo de proporcionar reflexões sobre a realidade passada, presente e, simultaneamente, de perspectivar o futuro da comunidade. Foram concretizadas algumas adaptações a esta metodologia, devidorepa à falta de disponibilidade e de interesse dos habitantes em desenvolver atividades ao nível coletivo e de utilização dos recursos audiovisuais com essa finalidade. Nesse sentido, adotou-se um modo de trabalho que permitiu a criação de uma representação coletiva baseada e realizada em colaborações e participações individuais e/ou em pares. O propósito foi o de construir um retrato coletivo desta comunidade, partindo da perspectiva de cada pessoa moradora. Consequentemente, procurou-se inspiração no trabalho desenvolvido no “Fogo Method”, onde as pessoas filmadas nesse processo colaboraram ao sugerirem outras pessoas para participarem, decidiram o que filmar e trabalharam no processo de organização e criação dos filmes. Nesse sentido, foram respeitados os próprios ritmos e necessidades de participação do grupo de residentes e “se debe entender la participación como un proceso y que para la consecución de niveles de participación más altos y comprometidos, son necesarias una serie de condiciones que muchas veces se escapan de aquello que el/la artista puede controlar” (MARÍN, 2019, p. 46). O exercício de fotografar e filmar não se relaciona apenas com o manuseamento técnico e operacional de uma câmara de vídeo ou fotográfica, mas também em outros processos. Susan Meiselas explica que a fotografia é também constituída pelas práticas de olhar outras fotografias e arquivá-las, tanto quanto o ato de fotografar e que o envolvimento nessas práticas com e na presença das pessoas fotografadas produz uma grande diferença na forma de trabalhar colaborativamente (AZOULAY, 2016).

4. Mais informações sobre o projeto: <https://www.nfb.ca/playlist/fogo-island/>

As sessões iniciais de trabalho do vídeo participativo foram realizadas em colaboração com duas moradoras da 3.^a rua. Na primeira sessão foi importante para estas moradoras exporem como cuidavam da sua casa e da sua rua. Portanto, revelar o cuidado que tinham em relação ao seu espaço habitacional coletivo e individual. A rotina de limpeza e organização foi captada de forma audiovisual, ao acompanhar os diversos momentos desse trabalho.

Figura 7 – Still do vídeo participativo. O momento onde a moradora cuida do espaço da 3.^a rua. Maio de 2019.



Fonte: arquivo do projeto de investigação.

Em outro momento deste processo de trabalho audiovisual participativo, foi realizada uma caminhada pelo Bairro em conjunto com duas moradoras, onde o percurso também foi registado de forma audiovisual. Estas duas moradoras definiram qual o caminho que deveria ser concretizado e a conversa que foi surgindo entre ambas aconteceu de forma espontânea, quase sempre sem intervenção da investigadora. Deste modo, procurando recolher os comentários e as conversas que iam surgindo, tendo em conta o que estavam a encontrar nas várias ruas do Bairro. Ao longo deste “walking-tour” realizado em maio de 2019, as moradoras foram identificando alguns aspetos que na sua generalidade afetavam de forma menos positiva a sua vivência no Bairro, como é o caso das obras nas casas das diferentes ruas. A propósito desta situação, Lurdes Farinha (L.F.) comenta que “isto aqui era tudo casas-de-banho”, explica a apontar para as casas de banho antigas, que agora estão emparedadas. E Conceição Martins (C.M.) acrescenta também que “isto aqui vão fazer outra casa [...] vão deitar tudo abaixo e vão fazer outra”. Logo a seguir param e L.F. explica, “esta é nova e eles [os responsáveis pela

obra] foram obrigados a pôr isto”, indica as antigas pias que integravam a parte exterior da casa-de-banho, como poderá observar-se na figura n.º 8. As pias das casas-de-banho antigas mantiveram-se na estrutura da nova casa, na fachada exterior, tal como apresenta a figura n.º 8.

Figura 8 – O momento onde as duas moradoras observam a conclusão das obras realizadas numa das casas do Bairro Herculano. Still do vídeo participativo. Maio de 2019.



Fonte: arquivo do projeto de investigação.

Ao aproximarem-se da 1.^a rua, a moradora Lurdes observa e comenta que *“parece que já andam obras aqui outra vez [...] o Bairro está cheio de obras”*.

O sistema precário dos esgotos e do saneamento público foi outro tópico que estas duas moradoras decidiram apresentar neste percurso. A primeira rua tem um dos acessos aos esgotos sem tampa, como se pode observar na figura n.º 11. A C.M. esclarece ao apontar para o esgoto, *“isto é um “bueiro”, enquanto L.F. acrescenta “são esgotos, que agora estão tapados, porque isto estava tudo ao ar livre, isto agora está tudo tapado e ainda bem que está”*.

Figura 9 – Um dos acessos aos esgotos da primeira rua. Still do vídeo participativo. Maio de 2019.



Fonte: arquivo do projeto de investigação.

Enquanto levanta a tampa do “bueiro”, L.F. explica, “isto é, das águas das chuvas que vem por aqui abaixo”. Num tom mais baixo, ainda acrescenta, “isto é das porcarias e ali tiram a tampa e põem ali os baldes com a “merdiola”, porque já não há casas-de-banho nestas casas”. A habitante Conceição explica que “antigamente existiam aqui casas que não tinham casa-de-banho, por isso, fizeram aqui o “bueiro”. E a moradora Lurdes elucida, “onde faziam os despejos”.

No seguimento destas duas sessões de vídeo participativo foram sendo concretizadas outras entrevistas para a coconstrução de uma representação audiovisual da comunidade do Herculano. A terceira e última fase do vídeo participativo integrou a promoção de um diálogo reflexivo e de uma recolha de sugestões no seio da comunidade do Bairro Herculano sobre o material audiovisual coproduzido. O objetivo da sessão foi desenvolver um debate coletivo e uma escuta sobre as perspetivas das pessoas moradoras face ao trabalho desenvolvido. Este foi um exercício de feedback, que não foi apenas uma oportunidade para a devolução dos resultados da investigação ao grupo participante, mas igualmente um momento essencial para fomentar a participação da comunidade envolvida na pesquisa. Esta prática funciona como uma grande entrevista aberta e coletiva, onde os protagonistas da pesquisa são colocados numa posição diferente, de um modo “*fuera de contexto*” (VAILATI, 2016, p. 37) com a finalidade de interpretarem as suas próprias ações, motivações e objetivos. A participação esteve presente também em outros momentos da investigação e aconteceu, particularmente, através da seleção e cedência de fotografias dos seus álbuns familiares, da sugestão de outras residentes para contribuírem com material visual, da partilha de histórias, experiências e reflexões sobre estas e sobre o seu Bairro. Igualmente, através da construção coletiva de um arquivo fotográfico sobre o Bairro Herculano. O grupo de habitantes participou também no processo do vídeo participativo através da partilha dos seus testemunhos sobre a realidade da sua comunidade e sugerindo outros intervenientes da comunidade. Desta investigação, resultaram seis foto entrevistas e um Web documentário com nove narrativas audiovisuais organizadas numa estrutura temporal - Passado, Presente e Futuro, sobre a comunidade do Bairro Herculano (com um total de cerca 1 hora e 20 minutos).

Considerações finais

O desenvolvimento deste projeto de investigação facilitou a criação de um património social e cultural dinâmico sobre a comunidade do Bairro Herculano, através da cocriação de um Web documentário. Este património sociocultural englobou a criação de uma memória fotográfica coletiva sobre a comunidade, a recolha de testemunhos sobre a sua realidade quotidiana e as várias formas de socialização e transformação do espaço habitacional.

As conversas com as moradoras, em torno das seis fotografias, evocaram experiências, situações e sentimentos vividos na sua comunidade. As memórias e as histórias individuais recordadas ajudaram a construir uma representação audiovisual e coletiva sobre este lugar e as pessoas que nele habitam, destacando temas como as transformações habitacionais e os laços sociais na comunidade. Por meio destas fotografias foi possível refletir sobre realidades passadas e, assim, estabelecer algumas conexões com as realidades presentes, expondo como estas moradoras sentem e pensam sobre a vida no Bairro Herculano na atualidade. Nas fotografias selecionadas pelo grupo participante estão representados os protagonistas desta pesquisa e seus familiares, espaços e alguns momentos vividos no Bairro. Deste modo, foi esboçado um olhar e uma reflexão sobre si e a sua realidade no contexto da sua comunidade.

É relevante também evidenciar o modo comprometido como o grupo participou na (re)construção da sua memória coletiva e representação enquanto comunidade. As produções das narrativas audiovisuais sobre a comunidade do Bairro Herculano cocriaram diversas formas de conhecimento através das fotografias, vídeos e entrevistas. Os materiais audiovisuais recolhidos e produzidos, as entrevistas realizadas e as metodologias participativas proporcionaram a composição de várias narrativas sob uma estrutura baseada no passado, presente e futuro desta comunidade.

A participação do grupo nos vários momentos da implementação das metodologias participativas proporcionou a criação de várias perspectivas (individuais e coletivas) partilhadas sobre o Bairro. Através destas metodologias audiovisuais participativas, as pessoas moradoras revelaram como observam a sua comunidade e refletem sobre outros pontos de vistas que os média e os outros habitantes da cidade têm sobre o seu Bairro. As pessoas residentes manifestaram orgulho em pertencer a esse lugar e a palavra Bairro evoca um sentimento de entreeajuda e partilha.

O trabalho de pesquisa aqui apresentado revela também que a mobilização de metodologias audiovisuais participativas deverá ser planeada e refletida tendo em conta o contexto em que estas serão aplicadas. Tal como explanado anteriormente, algumas adaptações tiveram que ser realizadas na utilização do vídeo participativo, com a finalidade de as pessoas acompanharem o processo de trabalho e poderem também decidir sobre que conteúdos fotográficos analisar e que objetos filmar. Deste modo, foi trabalhado um olhar mediado pela e com a comunidade na construção da sua representação audiovisual.

Referências

ARAÚJO, Renata Amaral; MAHFOUD, Miguel. Memória coletiva e imagem fotográfica: elaboração da experiência em uma tradicional comunidade rural. **Memorandum: memória e história em psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, p. 68-103, 2002.

AZOULAY, Ariella. Photography consists of collaboration: Susan Meiselas, Wendy Ewald, and Ariella Azoulay. **Camera Obscura**, Santa Barbara, v. 31, n. 1, p. 186-202, 2016.

BANKS, Marcus. **Visual methods in social research**. Los Angeles: Sage Publications, 2001.

CORNEIL, Marit Kathryn. Citizenship and participatory video. In: MILNE, Ej; MITCHELL, Claudia; DE LANGE, Naydene. **Handbook of participatory video**. Plymouth, UK: Rowman & Littlefield Publishing, 2012. p. 19-34.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

HARRISON, Barbara. Snap happy: toward a sociology of “everyday” photography. In: POLE, Christopher J. **Seeing is believing?** Approaches to visual research. Amsterdam: Elsevier, 2004. v. 7, p. 23-40.

HUNG LI, Eric Ping; PRASAD, Ajnesh; SMITH, Cristalle; GUTIERREZ, Ana; LEWIS, Emily; BROWN, Betty. Visualizing community pride: engaging community through photo-and video-voice methods. **Qualitative Research in Organizations and Management An International Journal**, Bingley, v. 14, n. 4, p. 377-392, 2019.

KAPUR, Ankur Singh. Use of photo-elicitation interviews to understand schemas among university students: an explorative study. **Journal of Depression and Anxiety**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 1-9, 2019.

LAJOUX, Jean Dominique. Ethnographic film and history. In: **HOCKINGS, Paul. Principles of visual anthropology**. New York: Mouton de Gruyter, 1995.

MARTIN, John; MARTIN, Ruth. History through the lens: every picture tells a story. In: POLE, Christopher J. **Seeing is believing?** Approaches to visual research. Amsterdam: Elsevier, 2004. v. 7, p. 9-22.

MARÍN, Paulina Martínez. Chanquin@s a escena: posibilidades de encuentro en la narración de historias. Análisis de dispositivos creativos que actúan como clickbaits promotores de participación. In: CRUZ, Carla; CRUZ, Hugo; BEZELGA, Isabel; FALCÃO, Miguel; AGUIAR, Ramon (coord.). **A busca do comum: práticas artísticas para outros futuros possíveis**. Porto: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - i2ADS, 2019. p. 44-52.

MATOS, Fátima Loureiro; RODRIGUES, Rosa M. As ilhas do Porto: lugares de resistência. *Observatorium: revista eletrônica de geografia, Uberlândia*, ano 1, n. 1, p. 33-57, jan. 2009.

MEO, Analía; DABENIGNO, Valeria. Imágenes que revelan sentidos: ventajas y desventajas de la entrevista de foto-elucidación en un estudio sobre jóvenes y escuela media en la Ciudad de Buenos Aires. **Empiria: revista de metodología de ciencias sociales**, Madrid, n. 22, p. 13-42, jul./dic. 2011.

PINTO, Jorge Ricardo. As ilhas do Porto. In: VÁZQUEZ, Isabel Breda; CONCEIÇÃO, Paulo (coord.). **Ilhas do Porto: levantamento e caracterização**. Porto: Domus Social, 2015. p. 5-18.

PINTO, Jorge Ricardo. **O Porto oriental no final do século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhar passageiro: um álbum de fotografias entre memória, esquecimento e imaginário. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 330-341, set./dez. 2007.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. Álbuns de família – fotografia e memória; identidade e representação. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH-RIO) - MEMÓRIA E PATRIMÓNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. ISBN 978-85-60979-08-0.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RICHEY, Rita C.; KLEIN, James D. Developmental research methods: creating knowledge from instructional design and development practice. **Journal of Computing in Higher Education**, Albuquerque, v. 16, n. 2, p. 23-38, mar. 2005.

SHAW, Donna. A new look at an old research method: Photo-Elicitation. **Tesol Journal**, Alexandria, v. 4, n. 4, p. 785-799, dec. 2013.

SOILO, Andressa Nunes. A arte da fotografia na antropologia: o uso de imagens como instrumento de pesquisa social. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 73-80, 2012.

SOUSA, Clara Marques; FERNANDES, Kamila Bossato. Antropologia fotográfica: recorte ideológico e percursos discursivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinres da Comunicação. 2016. p. 1-14.

TEIXEIRA, Manuel C. **Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto**. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2018.

VAILATI, Alex. O documentário social. In: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen. **Antropologia audiovisual na prática**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016. p. 53-80.

VAILATI, Alex; GODIO, Matias. Introdução. In: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen. **Antropologia audiovisual na prática**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016. p. 9-24.

VÁZQUEZ, Isabel Breda; CONCEIÇÃO, Paulo (coord.). **Ilhas do porto: levantamento e caracterização**. Porto: Domus Social, 2015. Disponível em: <https://www.domussocial.pt/noticias/apresentacao-do-estudo-ilhas-do-porto-levantamento-e-caracterizacao>. Acesso em: 15 nov. 2021.

WEBER, Sandra. Visual images in research. In: KNOWLES, J. Gary; COLE, Ardra L. **Handbook of the arts in qualitative research: perspectives, methodologies, examples and issues**. New York: Sage Publications, 2008. p. 41-53.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visão de mundo. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 284-314, set./dez. 2011.